

# EUCLIDES NETO

# O CIRURGIÃO

(Somente um conto)



**e-book.br**  
EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL

Os livros eletrônicos da **Coleção E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar aos conhecidos livrinhos de bolso.

No caso presente, o formato *e-poket* foi feito e nominado para ser lido, com todo conforto visual, em *smartphones* e outros equipamentos com telas de tamanho diminuto.

Daí a denominação *e-poket*, concebida juntamente à primeira publicação da série, por se tratar, de fato, de um verdadeiro livro eletrônico de bolso.

# O CIRURGIÃO

Copyright 2021 © Euclides Neto  
Tipologia: Times New Roman, 12  
Formato: 10 x 14,5 centímetros  
Número de páginas: 24

[linguagens.ufba.br/pdf/7euclides.pdf](http://linguagens.ufba.br/pdf/7euclides.pdf)  
[issuu.com/e-book.br/docs/7euclides](http://issuu.com/e-book.br/docs/7euclides)

Euclides Neto

# O CIRURGIÃO

(Somente um conto)

Seleção, organização e notas: C.S.

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL



CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA|UEFS)  
Dante Lucchesi (UFF)  
Gildecide Oliveira Leite (UNEB)  
Itana Nogueira Nunes (UNEB)  
Moanna Brito (UFBA)

Capa com base em pintura  
de Rembrandt

Contatos:  
[cidseixas@yahoo.com.br](mailto:cidseixas@yahoo.com.br)

A meu pai, Patrício – o esculápio

O cirurgião ficou no balanço: deixar o corpo já aberto e esgaravatado – o que significava a morte certa – ou continuar a delicada operação em busca da carga da pistola.



## AO LEITOR

*O Cirurgião* é mais um astuciado que integra a fascinante obra contística de Euclides Neto, agora publicado isoladamente e formando um livrinho de bolso, destinado a ser lido no seu *smartphone*.

Não é demais lembrar que o nosso Autor só publicou um livro de contos, *O tempo é chegado*, revelado ao público após a sua morte, ocorrida pouco tempo antes de rever o trabalho.

Euclides Netos escreveu doze livros, através dos quais foi amadurecendo e dando uma forma mais adequada à sua obra literária. Pode-se concluir, portanto, que os contos representam uma espécie de ponto alto da sua escrita.

Isso por dois motivos. Muitos só foram escritos após um constante aperfeiçoamento de estilo, iniciado em 1946, com *Berimbau*, o romance de estreia. A outra razão é constituída por uma opinião minha, segundo a qual o conto representa uma espécie de síntese da narrativa literária. Uma espécie de joia burilada com cuidado minucioso. Enquanto o romance e a novela, por serem obras mais extensas, podem comportar uma avalanche de ideias e situações, o conto na sua economia de personagens, acontecimentos e lugares, impõe ao autor o trabalho de refinamento e contenção para obter o resultado desejado em um menor número de páginas.

Convém acrescentar que Euclides Neto elaborou um projeto ou uma experiência similar à concepção da estrutura do conto no livro *Os genres*, de 1981, concebido como um romance ou, tecnicamente falando, como uma novela.

Várias histórias se sucedem, de forma mais ou menos independente, tecendo a trama da grande história em torno do caráter múltiplo dos maridos das filhas dos coronéis do cacau.

Estas pequenas histórias, bem observadas, são, cada uma delas, um conto autônomo, todas com princípio, meio e fim. Mas, quando integradas ao contexto geral da narrativa, formam seus capítulos.

Assim também eram escritas as velhas e longas novelas, como, por exemplo, o *Dom Quixote*, de Cervantes, ou as *Mil e uma noites*, vividas por Sherazade, para entreter o sultão e prolongar a própria vida.

Foi também a partir desta fôrma que se formaram as primeiras novelas do rádio e, depois, da televisão. Os capítulos poderiam ser vistos isoladamente mas, para manter a curiosidade dos novos sultões, ou ouvintes, o final sempre deixava aberta a possibilidade de novas e surpreendentes tramas.

Seguindo este modelo, milenarmente apreciado pelas diversas culturas e povos, o grapiúna Euclides Neto escreveu *Os Genros*. Por isso mesmo, um dos contos ou capítulos desse livro foi escolhido para formar o *e-book* intitulado *O bocado não é para quem faz*. Sugerimos ao leitor, para complementar as informações e con-

ceitos aqui trazidos, ver o texto de apresentação do referido livro, “Conto, novela e romance nos astuciados de Euclides Neto”, também incluído do nosso pequeno volume de textos sobre o autor, intitulado *Euclides Neto, Escritor Brasileiro*.

Mas voltemos ao livrinho *O Cirurgião*, que é o objeto destas observações. Para ilustrar a capa foi tomado de empréstimo um quadro clássico de Rembrandt, A lição de anatomia do Dr. Tulp, escolhido justamente para contrastar com a situação narrada no conto euclidiano – funcionando como uma irônica referência ao inusitado da situação. Que o leitor aproveite bem as tramoias expostas no novo *e-poket*.

CID SEIXAS,  
24 de setembro de 2021

# O CIRURGIÃO

Não sei se acontece assim até hoje. Antigamente a coisa era mais simples. Ali, a sala de cirurgia: os auxiliares, três ou quatro, postavam-se ao lado do paciente, que ginetava aos berros. Não se podia chamar de um bem-instalado hospital, mas não tinha outro jeito. O melhor estava longe, a mais de trinta léguas bem puxadas, por caminhos em petição de miséria.

O anestesista, seguro das suas responsabilidades, começou o trabalho com muita eficiência. O doente se acalmou um pouco e quase adormeceu. Aconteceu o pior. A droga da anestesia não funcionava. Cada vez que o cirurgião tentava usar o bisturi, o homem se contraía todo, estrebuchando. Mais anestésico. E

mais. Nada de aliviar a dor que triturava o coitado. O cirurgião continuou cobrando do colega mais atenção e diligência. A lanceta entrava fundo no peito do baleado, que nada mais via, conquanto sentisse dores de punhal em brasa entrando em suas carnes.

Nesse torpor, a cena do sucedido se passou pela cabeça do ferido com a violência da qual não pudera livrar-se. Estava na feira, vendendo farinha, passando a régua na boca do litro de madeira para que a medida saísse exata. O manato chegou e foi desafiando:

– Isso é a farinhada que você fez com a mandioca da minha roça, sujeito ladrão.

– Da sua roça, não. Do meu roçado, seu filho de uma lascada.

– Você está xingando minha mãe?

– Não só a sua mãe, como sua mulher, suas filhas, umas descabaçadas, seu como filho da puta. (Uso tal verbete sem receio de ferir sentimentos delicados, porque a Última Flor do Lácio o tinha como moça puríssima, honestíssima, usada agora pelo Eudóxio como mulher de ninguém... Faço-o em homenagem aos que acham

que para escrever ou falar escorreitamente o nosso dialeto precisa copiar Camões, Frei Luís de Sousa e outros batutas).

Como vinha falando, o vendedor de farinha, de nome Eudóxio, ainda revidou com o mesmo naipe de delicadeza e picou o litro de madeira na testa de quem o xingara de ladrão no meio de tanta gente.

O que recebeu o golpe não trastejou. Puxou a pistola cu de boi do correão e mandou a carga caprichada de chumbo cabeça de macaco, mão pesada na pólvora e uma bala 38, pelo sim, não não. Viera prevenido para a desforra.

Eudóxio nem disse ai Jesus! Caiu sobre o saco da sua mercadoria. Dizem que até a bucha da arma de dois canos entrou no corpo dele com bala, chumbo e tudo. A tal pistola rompedeira era de socar pela boca, não esquecer.

Quem atirou saiu tropeçando, cai-aqui-cai-acolá e ganhou a roça de cacau pegada à mata, ali pertinho da minguada feira. E nela envultou, desapareceu. O inspetor foi chamado e enfu-

mou-se no matagal, com sua fita verde-amarela e o espadão.

Faz muito tempo isso. Até hoje não foi descoberto o paradeiro do fugitivo levantado.

Levaram Eudóxio para a sala de cirurgia, como iniciamos o caso. E aí, por mais que trabalhasse o anestesista, não conseguia vencer a dor que ele já não suportava.

O cirurgião ficou no balanço: deixar o corpo já aberto e esgaravatado – o que significava a morte certa – ou continuar a delicada operação em busca da carga da pistola.

Perdido por um, perdido por mil e um. O canivete entrou mais fundo e bateu no metal. Claro que não era o osso, dizia o dedo que acompanhava o ferro. Os urros continuavam, pedindo socorro a mãe, a nossa senhora de todas as devoções. Até que a bala pulou no chão, açoitada pela ponta da lanceta. O cirurgião a apanhou carinhosamente. Mostrou-a aos auxiliares.

E cauteloso, para o anestesista:



– Dá mais. Dá mais, que descobri onde mora o perigo. O pior já saiu. Agora é catar os chumbos.

Claro que o modesto hospital não dispunha de raios X, muito menos dessas ultras e tomografias de hoje. Tudo isso era trocado pelo tato das pontas dos dedos.

Os urros do operado chegaram longe. Foi aparecendo gente e parando na porta do pequeno hospital para rezar e pedir a Deus pelo paciente, carregado de filhos feito um quati, tomando conta ainda da sogra e dos velhos pais, lá pelas bandas do Ponto da Perua. Touxeram santos, e até o descascado São Benedito da rezadeira Barabadá, esculpido em barro ali mesmo, na olaria do seu Totonho, apareceu.

Houve ladainhas, até em latim. E muitos padre-nossos e ave-marias cantadas e contritas.

O cirurgião voltou a ordenar:

– Dá mais... mais. Não se pode é deixar assim.

– Já dei o que pude. O homem está morrendo, só faz gorgolejar, repugnando – observou o cauteloso anestesista.

– Dá mais, pode dar tudo.

– Agora é por sua conta...

E lá vai o bisturi curioso remexendo, vasculhando com a sua ponta afiada os escondidos de Eudóxio. O cirurgião continuava a ordenar:

– Dá mais... dá mais... Cadê o toucinho frito? Quero pelando.

Trazido o santo medicamento, o cirurgião despejou no interior do campo cirúrgico a graxa e os torresmos, que ainda caíram chiando e fervendo. Com mão de mestre e chefe da equipe, pediu a agulha e linha de sapateiro, devidamente embebedadas também. Deu os pontos como quem costurava sacos de cacau.

Findo o trabalho, todos os que participaram da delicada intervenção estavam banhados em suor. O cirurgião lavou com cachaça o canivete capa-garrote, marca cometa. Possuía uma bodega e trabalhava de areeiro, conserutando selas, cabrestos, bridas e até solados de botas russianas, e era muito entendido naqueles serviços finos de arrancar balas e costurar facãozadas até de palmo e meio. Saiu como um

herói do fundo da sua quitanda e olhou vitorioso o povaréu. Pediu contrito:

– Continuem rezando. Ele se salva, com fé em Deus.

Depois voltou para a sala de cirurgia. Mandou soltar o paciente. Estava ele amarrado pelos punhos e pelo peador no banco que servira de mesa para os trabalhos. Além das mãos fortes dos auxiliares que ajoujavam Eudóxio como quem orelha um burro xucro.

A sumidade médica perguntou:

– Ainda sobrou meladinha?

– Ele só tomou garrafa e meia - respondeu o habilidoso anestesista.

– Então traz o resto pra nós, foi um serviço bruto. (E gabola:) Nunca vi tatu com dois cabos.

Eudóxio perdeu os sentidos. Vomitava às golfadas. Passou dias e noites desacordado. Quando voltou a si foi querendo água e comida. Estava salvo da delicada cirurgia acontecida no arraial das Tesouras.

O cirurgião, que o visitava duas vezes por dia, autorizou:

Pode dar o tanto que sua barriga pedir. Só não pode comer coisa reimosa: galinha, caça, maxixe e mulher, que vocês já sabem.

– Tempos passados, ninguém conhecia mais o paciente. Tomou corpo. Botou barriga de fazendeiro, ficou corado que nem telha queimada. Felizmente, naquele tempo da cirurgia, não passava de um caxinguelê, pele da barriga franzida, quase pegada no espinhaço, o que facilitara a intervenção. Bem verdade que muitos caroços de chumbo ainda estão guardados nos bofes ou arredores do vendedor de farinha. Mas ele até se esqueceu disso. Era outro homem. É o contrário que não cruzasse seu caminho. É que o inspetor achara a pistola cu de boi e a entregara a Eudóxio, para que lhe desse melhor uso, quando topasse o arrenegado.

# OBRAS DO AUTOR

## LIVROS IMPRESSOS:

- 1 Berimbau (1946)
- 2 Vida Morta (1947)
- 3 Os Magros (1961)
- 4 O Patrão (1978)
- 5 Comercinho do Poço Fundo (1979)
- 6 Os Genros (1981)
- 7 64: Um Prefeito, a Revolução e os Jumentos (1983)
- 8 Machombongo (1986)
- 9 O Menino Traquino (1994)
- 10 A Enxada (1996)
- 11 Dicionareco das Roças de Cacau e Arredores (1997)
- 12 Trilhas da Reforma Agrária (1999)
- 13 O Tempo é Chegado (2001)

## E-BOOKS:

- 14 A última Caçada (2017)
- 15 O Advogado e o Burro Ladrão (2017)
- 16 Cinco Histórias da Roça (2017)
- 17 O bocado não é para quem faz (2017)
- 18 História de Caçador (2018)
- 19 Retrato de General (2018)
- 20 O Cirurgião / Somente um conto (2021)

Os livros eletrônicos da **Coleção E-Poket**, conforme o título já indica, têm como característica o tamanho reduzido, similar aos conhecidos livrinhos de bolso.

No caso presente, o formato *e-poket* foi feito e nominado para ser lido, com todo conforto visual, em *smartphones* e outros equipamentos com telas de tamanho diminuto.

Daí a denominação *e-poket*, concebida juntamente à primeira publicação da série, por se tratar, de fato, de um verdadeiro livro eletrônico de bolso.

# O CIRURGIÃO

(Somente um conto)

O cirurgião ficou no balanço: deixar o corpo já aberto e esgaravatado – o que significava a morte certa – ou continuar a delicada operação em busca da carga da pistola.

**e-book.br**

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
DO LIVRO DIGITAL